

## SABERES: ENTRE-NÓS DE TEORIA E PRÁTICA

**Hosana Hoelz Ploia**

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

**Morgana Pereira da Costa**

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

**Everton Luiz Simon**

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

### Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

Desde uma compreensão de educação para além daquela institucionalizada nas escolas, atentamo-nos a pensar os saberes, em uma apreensão teórico-epistemológica que prioriza os sujeitos coletivos e a materialidade da vida-existência que eles/as criam e recriam, através do trabalho e da educação. Nesta perspectiva, assumimos um entre-nós entre teoria e prática - ou prática-e-teoria -, entendendo a sua necessária reciprocidade e indissociável relação. Sob este aspecto, nossa intenção, nesta escrita, é compreender o entremeio entre teoria e prática que caracteriza os saberes, com enfoque nos saberes populares.

Como metodologia, apreendemos a dialética, sobretudo sua concepção de movimento, para identificar os nós teórico-práticos dos saberes, seu estar sendo tanto trabalho - fazer - quanto educação - saber. Para Gadotti (2003, p. 16), “a dialética considera todas as coisas em movimento, relacionadas umas com as outras.” Deste modo, teoria e prática estão dialeticamente em movimento entre si. Ainda, “como concepção dialética, o marxismo não separa em nenhum momento a teoria (conhecimento) da prática (ação)”, pois defende o movimento do conhecimento que parte da prática, ao mesmo tempo que a possibilita (GADOTTI, 2003, p. 23). Tal é a dialética que assumimos.

Caminhamos, agora, à essa trama entre teoria e prática que a dialética nos proporciona compreender. Primeiro, contudo, pensamos o nó da teoria. Enquanto descrição, interpretação e compreensão do mundo objetivo, “a teoria nasceu da prática” (TRIVIÑOS, 2006, p. 125). Em Freire (1994), a teoria emerge molhada da prática vivida. Também, no conhecimento - que não é único, note-se - “estão embutidas práticas essenciais para satisfazer necessidades humanas.” (TRIVIÑOS, 2006, p. 136). Dessa

maneira, não somente partindo da prática, a teoria contém a prática em si, ou seja, no saber há fazer, para além de ser resultado da prática.

Nessa perspectiva, manifesta-se o nó da prática. A prática, aqui, como trabalho, o qual assumimos como toda a atividade - ação - que fazemos *no* e *com* o mundo. Baseamos-nos em Saviani (2007, p. 154), que escreve: “para existir, [...] produzir sua própria vida [...] os homens (sic) têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens (sic) ajustam a natureza às suas necessidades.” Esse agir transformador é o trabalho, e, porque relacionado à existência nossa, homens e mulheres, é também a construção da nossa história (GADOTTI, 2003). Aprende-se a produzir a existência no próprio ato de a estar produzindo; ou seja, é educação ‘acontecendo’ *no* e *por* causa do trabalho, então, é trabalho-educação, o entre-nós teoria e prática.

É-nos imprescindível, que, ao movimentar o pensar quanto a este entre-nós teoria e prática, verifiquemos em Freire as suas concepções de prática. Para isso, seu livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, nos acompanha. Escreve Freire:

entre nós a *prática* no mundo, na medida em que começamos não só a saber que *vivíamos* mas a *saber* que *sabíamos* e que, portanto, podíamos saber mais, iniciou o processo de gerar o *saber* da própria prática. (FREIRE, 1994, p. 102, grifos do autor).

No ato da prática, ato consciente, des-cobrimos que há saber(es) no trabalho. Conforme Freire (1994, p. 102, grifos do autor), “foi a consciência do mexer [no mundo] que promoveu o mexer à categoria de *prática* e fez com que a *prática* gerasse necessariamente o *saber dela*.” Apreendemos o mexer como o trabalho ontológico e emancipatório do ser humano em comunhão. É vocação ontológica nossa, do ser humano, fazer e saber. Assim, é tarefa nossa, também, continuar o movimento deste entre-nós teórico-prático, em (re)existência.

Reconhecido o saber no trabalho, associamos o trabalho com a educação, novamente com base em Saviani. Nas palavras dele, os seres humanos “aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens (sic) educavam-se e educavam as novas gerações.” (SAVIANI, 2007, p. 154). Notamos que, além dos processos de fazer-aprender-ensinar, é anunciada a relação, o diálogo e a coletividade participantes do trabalho-educação.

Neste sentido, a co-labor-ação, fruto do *estar sendo com* demais sujeitos coletivos, propicia a construção de saberes, como afirmado por Freire (1996). Um dos saberes necessários à prática educativa, são os “saberes socialmente construídos na prática

comunitária” (FREIRE, 1996, p. 30). Notamos que a escolha do uso do advérbio corrobora com nossa apreensão de que a coletividade, em diálogo e co-labor-ação, é imprescindível para o exercício/prática de saberes, os quais podem transformar a sociedade vigente. Por que? A possibilidade e capacidade de trabalho do fazer, da maneira que estamos tramando, não é um fazer fechado em si, mas um fazer que movimenta o pensar sobre ele mesmo, isto é, uma constante ação-reflexão-ação: faço, penso sobre o que faço e posso mudar o mundo a partir desse fazer-saber-fazer, não-estático, feito na história e feito por sujeitos.

Assim, temos o entre-nós da teoria e prática, que se aproxima muito da práxis, a prática social. Conforme Triviños (2006), a práxis é unidade de teoria e prática. Para Rossato (2010, p. 650), a “práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora”, uma atuação consciente na realidade para a sua transformação. Desse modo, a práxis é a ação precedida pela conscientização. Em Brandão (2012, p. 18), “[...] consciência do saber, que é o começo da possibilidade de os seres vivos aprenderem não apenas diretamente do e com o seu meio natural, naturalmente, mas uns com os outros e uns entre os outros, culturalmente.”

O entre-nós defendido nesta escrita não é somente saber, mas também fazer. Procedente da conscientização do estar/ser no e com o mundo e do seu trabalho, o ser humano pode perceber que é pensante, que sabe, e, dessa maneira, refazer o que faz, repensar o que sabe: “A práxis torna-se um produto sócio-histórico próprio do homem (sic) consciente que faz da sua presença no mundo uma forma de agir sobre o mesmo.” (ROSSATO, 2010, p. 652-653).

Em Brandão (2012), percebemos o entre-nós viável através de maneiras outras de fazer-saber-ensinar-aprender, próprias da educação popular. Nas palavras dele, “coexistem formas livres, familiares, vicinais, comunitárias de trocas de conhecimentos imersas em outras práticas sociais, como as [...] do trabalho na lavoura [...]. Artifícios múltiplos de educação do povo.” (BRANDÃO, 2012, p. 60). Nesse sentido, podemos refletir quanto a epistemologias outras, e, para isso, destacamos a epistemologia da vida ordinária, que

diz respeito aos inúmeros jeitos de estabelecer a existência, de conhecer, de sentir, de compreender as relações com e no mundo e que não são possíveis de serem enquadrados na racionalidade científica dominante. Essa epistemologia está presente, viva, garantindo a manutenção da vida embasadas em tantas outras epistemologias. (VERGUTZ, 2021, p. 105).

Esta concepção epistemológica torna possível o reconhecimento de saberes populares, historicamente não valorizados enquanto conhecimentos científicos, mas que são materializados *no* e *pelo* viver, em interação e transformação, desde o movimento (VERGUTZ, 2021). Para Vergutz (2021, p. 101), “é o tornar visível, é o processo de reconhecer e de legitimar a pluralidade de conhecimentos imbricados na vida material dos sujeitos dentro do território em que produzem e reproduzem sua existência.”

Finalizamos com uma passagem de anúncio da boniteza de pensar os saberes, desde a educação popular e entremeados à prática, como caminho para o nosso ser mais.

Para Freire & Nogueira (2005) é próprio da educação popular o conhecer o mundo feito através das práticas do, no e com o mundo pela mobilização e organização popular do poder, do saber, ou melhor, do “saber-fazer” pela prática política, posicionada e engajada histórica e socialmente, que criam assim tais diferenças. São compreensões que existem no confronto da diversidade de saberes-fazer populares materializados em formas de conhecimento da vida cotidiana, da consciência crítica emergente e na sua compreensão enquanto sujeito histórico não determinado. Ou seja, que é agente de sua própria história no e com o mundo em busca do ser mais. (VERGUTZ, 2021, p. 89).

Portanto, compreendemos os saberes - saberes populares - desde essa relação costurada entre o nó da teoria e o nó da prática, o que chamamos de entre-nós. Para além do sentido de entremeio, um entre-nós remete a sujeitos coletivos unidos num lugar comum, em trocas, co-labor-ações, lutas pelo ser mais. Assim, fazemos das palavras de Freire as nossas: “Só existe *saber* na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens (sic) *fazem* no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 58, grifos nossos).

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática; Saberes; Teoria.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FISCHER, Nilton Bueno; LOUSADA, Vinícius Lima. Saber (Erudito/saber popular/saber da experiência). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 730-732.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. A dialética: concepção e método. In: GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação. Um estudo introdutório*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 15-40.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 650-653.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr., 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Silva. A dialética materialista e a prática social. **Movimento**, v. 12, n. 2, p. 121-142, mai./ago., 2006.

VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke. **Pedagogia das Vozes e dos Silêncios: experiências das mulheres na Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC**. 2021 .Tese. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.